



Volume I, número 2, jul-dez, 2020, pág. 457-477.

ANÁLISE COMPREENSIVA DA INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO ATRAVÉS DO PRIMEIRO EMPREGO: SER-JOVEM APRENDIZ

Denis Guimarães Pereira

Juliana de Oliveira Spíndola

Resumo

Em nosso país, há alguns anos, um programa foi implementado pelo governo federal no sentido de propiciar ao jovem sua inserção no mercado de trabalho. Existem lacunas relacionadas a pesquisa que tragam a fala desse Jovem Aprendiz. O objetivo deste estudo foi compreender o sentido e as percepções do Jovem Aprendiz ao iniciar suas atividades profissionais em uma grande empresa do ramo varejista na cidade de Manaus/AM. O estudo foi sob o viés qualitativo, descritivo e exploratório. Participaram do estudo 12 jovens aprendizes e o instrumento de pesquisa foi entrevista fenomenológica áudio gravada que após transcritas, foram analisadas conforme pressupõe o método fenomenológico-psicológico de Giorgi. Baseando-nos em um levantamento histórico sobre o assunto, elencamos providências que veem sendo tomadas, com o passar dos anos, para inserção de jovens aprendizes no mercado de trabalho, no entanto, com proteção social e trabalhista. Dos resultados, constatamos diversos sentimentos e razões que os levam ao desafio de entrar no mundo do trabalho, com ênfase para a liberdade e autonomia parcial financeira; colaboração com a renda familiar, mas há os que buscam compreender o funcionamento prático no mercado de trabalho, ter novas experiências. Conclui-se que os jovens começam a perceber as relações sociais para absorção de conhecimentos/aprendizagens, novas amizades, amadurecimento pessoal e profissional. Além disso, têm a compreensão da importância da formação técnico-profissional para um futuro pautado no sucesso profissional e pessoal.

Palavras-chave: Primeiro emprego; jovem aprendiz; mercado de trabalho; Psicologia fenomenológico-Existencial



Abstract

In our country, a few years ago, a program was implemented by the federal government to provide young people with their insertion in the labor market. There are gaps related to research that bring the speech of this Young Apprentice. The aim of this study was to understand the meaning and perceptions of the Young Apprentice when starting his professional activities in a large retail company in the city of Manaus / AM. The study was from a qualitative, descriptive and exploratory perspective. Twelve young apprentices participated in the study and the research instrument was a recorded audio phenomenological interview which, after being transcribed, were analyzed according to Giorgi's phenomenological-psychological method. Based on a historical survey on the subject, we list measures that have been taken, over the years, to insert young apprentices in the job market, however, with social and labor protection. From the results, we found several feelings and reasons that lead them to the challenge of entering the world of work, with an emphasis on freedom and partial financial autonomy; collaboration with family income, but there are those who seek to understand the practical functioning in the labor market, to have new experiences. It is concluded that young people begin to perceive social relationships to absorb knowledge / learning, new friendships, personal and professional maturation. In addition, they understand the importance of technical and professional training for a future based on professional and personal success.

Keywords: First job; young apprentice; labor market; Phenomenological-Existential Psychology.

Introdução

A partir da articulação do desenvolvimento pessoal em função das percepções de relação e de trabalho, buscam-se compreender os diferentes sentidos expressos na condição de aprendiz, incentivando o jovem a abstrair conhecimentos além das significações dominantes, transformando o aprendizado em uma gama de possibilidades a serem recriadas. Por esta transformação pode-se vislumbrar experiências conflitantes aos embates da vida, mostrando alternativas ao modo social pré-determinado, que tendem a formatar tanto o corpo quanto a mente, além da própria condição de aprendiz, o que poderia trazer à significativa transformação de modos de vida.

Visualizando o Jovem Aprendiz em seu sentido inacabado, provisório e indeterminado, situamos sua condição com lentes que buscam como campo de problematização da percepção do sentido vivencia do primeiro emprego e suas relações com o ambiente de trabalho. Tal composição é entendida como um exercício



problemático com o qual o aprendiz irá se defrontar, posto que é na vivência do dia a dia que o aprendizado se inicia, que são os confrontos que fazem dele um experimentador de si.

É a partir desse legado, portanto, que tratamos o tema do aprendiz, a saber: como um experimentador de si mesmo que busca, fundamentalmente, produzir sentidos, uma vez que, em sua postura própria, não há mundo naturalmente objetivado. Aprender é a arte fundamental, é ignorar os sentidos comuns dados pela civilização. E essa arte da experimentação deriva sempre de uma primeira vez.

E nessa perspectiva, este estudo vislumbra a colaboração com o arcabouço teórico acerca da temática, haja vista que, pouco tem sido produzido neste sentido. Para situar o leitor, percebemos que é necessário apresentar um pouco mais da teoria até então elaborada. Ressalte-se que o olhar lançado sobre as vivências será amparado na teoria da Psicologia Fenomenológico-existencial.

Conhecendo a temática

A Evolução Histórica da Condição de Aprendiz

Na Antiguidade, a partir dos estudos encontrados, o que evidencia o lugar e a condição de aprendiz é alusivo ao aprendizado de boas maneiras, transmitido de uma geração a outra, com a participação familiar das crianças e dos jovens na vida dos adultos. A partir dos sete ou nove anos de idade, as atividades exercidas eram o serviço doméstico, a inserção nos ofícios, o conhecimento das letras e das línguas, e pela obrigação do convívio com outras famílias era solidificado o aprendizado da vida (VILLAR & MOURÃO, 2018). O serviço doméstico tinha um sentido de subalternidade e degradação, associado no século XIX ao processo de polarização da vida social, fazendo desaparecer as antigas formas de sociabilidade. Era uma prática comum a todas as classes sociais e somente com o surgimento da escola, após o século XVII, originou-se a aprendizagem mais especializada e teórica.

Foram nas instituições da Idade Médias conhecidas como corporação de ofício que a figura do Aprendiz já se encontrava bem estabelecida, pois o Aprender em si significava a experiência do principiante e sua formação, cujo sentimento era da transmissão de experiência de uma pessoa para outra (VARGAS-PRADA *et al.*, 2013)



Os gregos originaram essas corporações onde concebiam a experiência do aprendiz a partir das relações políticas, pedagógicas e outras inúmeras funções decorrentes, como de crítica, lutas, curativas, terapêuticas, entre outras. A essa concepção múltipla da condição de aprendiz, o “ocupar-se de si”, permitiu o pensar além das significações pré-concebidas. O aprendiz era visto como um ser precário caso não possuísse respostas ou atitudes mediante determinadas situações, pois para os gregos os aprendizes precisavam experimentar, precisavam fazer com que as soluções fossem efeitos e jamais causa desse aprendizado (FREITAS & OLIVEIRA, 2012).

Mas recentemente, já no século XVIII com a revolução industrial, o significado de Aprendiz vai além do aprender para dar continuidade a um saber passado de pai para filho, de geração a geração, como um aprendizado e ofício (OLIVEIRA & GODOY, 2015). O aprendiz nesse novo momento tem que merecer, precisa ter perfil para ser “selecionado” pelas corporações de ofício, pelos sindicatos de determinada categoria para um “aprender uma profissão” e suas finalidades pautadas pelo sistema econômico que domina o mundo, o capitalismo (VILLAR & MOURÃO, 2018; BARROS *et al*, 2018). E com isso, o aprendiz não visa o aprendizado em si, visa o posterior lucro que esse ofício lhe dará. E mesmo nesse período a prática cotidiana é o cerne da aprendizagem do aprendiz que, nesse período não há limitações de idade.

Modos de Subjetivação e a Condição de Aprendiz

Em geral, é na fase de adolescência, que os jovens passam a viver sentimentos conflitantes e procuram autonomia e independência diante dos pais e dos adultos e amparo no grupo de pares. Nesse processo, caracterizado como um período de revisão, autocrítica e transformação, de vital importância para o desenvolvimento da personalidade (ALVES & ALBANESE, 2016), o adolescente, lentamente, constrói sua identidade e, de simples espectador, assume postura mais questionadora e ativa em relação aos diferentes contextos sociais de que participa.

A subjetividade é concebida como produção, sendo composta de diversos aspectos de natureza interna e externa (afetivos, familiares, do corpo, da mídia, da linguagem, do desejo, entre outros). Essa heterogeneidade de componentes em constante processo faz da subjetividade uma instância múltipla, indissociável de práticas sociais concretas (MAHFOUD, 2017).



Dentro da Fenomenologia a concepção da subjetividade de cada indivíduo na busca pela concepção de mundo revela todo um processo de compreensão da realidade do trabalho e das relações (CASTRO, 2020). O perceber-se imerso nessa visão do que se apresenta a cada um, traz a uma reflexão do que pode significar para o jovem o seu primeiro emprego. Esse processo se desenvolve mediante um conjunto de transições que levam o jovem a desenvolver plenamente sua personalidade, a incorporar-se na vida ativa, a ter independência econômica, a constituir um lugar próprio e a estabelecer uma colocação estável.

Entendemos que a condição de aprendiz, na sociedade industrial, traz como um dos seus aspectos e sentidos dominantes a ideia de que a juventude é uma etapa de preparação para o mercado produtivo. O sujeito acaba por ter uma modelagem capitalista, compreensível na linguagem, nas relações interpessoais, no modo de perceber a realidade do meio onde interage (MORA & ARCURY, 2016; VARGAS-PRADA *et al*, 2013).

No entanto, a possibilidade de escapar a essa ordem modeladora e excludente agrega forças desejantes (crenças, convicções, representações, vontades) próprias do psiquismo dos homens, como se os processos de subjetivação distintos e únicos se traduzissem em formas de subterfúgio para a própria compreensão, para o próprio sentido ao trabalho. A análise intencional da vivência real de cada jovem pode trazer a correlação indissolúvel da consciência e do objeto (FIGUEIREDO & CASTRO, 2020).

Esse confronto de assimilação referente ao trabalho deve acrescentar valor social e mediações, buscando desafios de outros modos de apreensão real, em que seja representada uma efetiva reapropriação da vida social e subjetiva.

No ambiente de trabalho, apesar de estar submetido ao controle que os superiores exercem sobre suas atividades laborais, o adolescente também tem a oportunidade de conviver com iguais, isto é, com pares, e aprende a ordenar suas formas de sociabilidade e suas representações, o que amplia suas experiências e contribui para o processo de amadurecimento psicológico e intelectual. Com o trabalho remunerado, o adolescente conquista mais autonomia e, conseqüentemente, maior liberdade diante da autoridade dos pais ou responsáveis.



Todavia, "...o processo de profissionalização não pode impedir o jovem de estudar e, principalmente, não pode impedi-lo de construir um projeto de vida" (VICENTE, 1994, p. 57). Assim, nos remete a reflexões mais profundas sobre “os futuros da nação”, ou seja, os adolescentes e jovens de hoje, especificamente os que se iniciam no mercado de trabalho como jovens aprendizes, em seus primeiros empregos, sua jornada de trabalho, escola e tempo livre (seja para a família, lazer, entre outros), e a proteção que as leis em vigor lhe dá para que os mesmos possam não apenas sonhar, mas acima de tudo escrever suas histórias, não como meros sujeitos coadjuvantes e sim como os Sujeitos da sua História.

Condições para ser Aprendiz

A “Lei do Aprendiz” é estabelecida pela Lei 10.097/2000 e regulamentada pelo Decreto 5.598 de 1 de dezembro de 2005, inclusive ampliando a idade limite para aprendiz para até 24 anos incompletos e o art. 428 da CLT. Em dezembro de 2007 foi publicada a Portaria nº. 615. Seu objetivo principal é promover diretrizes curriculares para o desenvolvimento dos cursos e programas de aprendizagem, classificados no âmbito da educação profissional como cursos de formação inicial e continuada. Em dezembro de 2008, foi publicada a portaria nº 1.003, que altera importantes artigos da Portaria nº 615. Destaca-se para ser Aprendiz:

- a) Idade de 14 anos e menor de 24 anos incompletos;
- b) Inscrição em programa de aprendizagem;
- c) Estar matriculado e frequentando a partir do ensino fundamental.

O Contrato de Aprendizagem

O trabalho do adolescente irá gerar vínculo de emprego, feito mediante contrato de trabalho especial assegurando os direitos trabalhistas e previdenciários, pois se submete a prestar trabalho pessoal, contínuo, remunerado e subordinado ao empregador. Assim, estipulados pelos arts. 227, § 3º, inciso II da CF e 428 da CLT, como descritos abaixo:

Art. 227 É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar às crianças e adolescentes, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade,



e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

§3º O direito a proteção especial abrangerá os seguintes aspectos:

II - garantia de acesso ao trabalhador adolescente à escola;

Art. 428 Contrato de aprendizagem é o contrato de trabalho especial, ajustado por escrito e por prazo determinado, em que o empregador se compromete a assegurar ao maior de 14 (quatorze) e menor de 24 (vinte e quatro) anos inscrito em programa de aprendizagem formação técnico-profissional metódica, compatível com o seu desenvolvimento físico, moral e psicológico, e o aprendiz, a executar com zelo e diligência as tarefas necessárias a essa formação.

O contrato de aprendizagem deve ser obrigatoriamente, escrito e a sua duração é por tempo determinado, com no máximo 2 anos, anotado na Carteira de Trabalho e Previdência Social - CTPS, especificando a data de início e de término. Além destas especificações, o contrato deverá trazer o ofício ou ocupação da formação técnico-profissional, o horário que será realizado as atividades teóricas e práticas, a jornada diária e semanal e a remuneração mensal.

O contrato de aprendizagem é uma espécie formal e solene. Para que tenha validade é necessário seguir as especificações do art. 428, § 1º da CLT:

a) Anotação na Carteira de Trabalho e Previdência Social;

b) Matrícula e frequência do aprendiz na escola, caso não haja concluído o ensino médio e;

c) Inscrição em programa de aprendizagem desenvolvido sob orientação de entidade qualificada em formação técnico-profissional metódica.

O contrato de trabalho pode extinguir-se quando o menor aprendiz concluir o curso, quando esgotar o prazo de duração da aprendizagem ou quando este completar 24 anos, de acordo com o art. 433 da CLT. Mas a rescisão antecipada pode ocorrer nos seguintes casos estipulados pelos incisos deste mesmo artigo:

a) Desempenho insuficiente ou inadaptação do aprendiz;

b) Falta disciplinar grave;

c) Ausência injustificada à escola que implique perda do ano letivo ou;

d) A pedido do aprendiz.



Estas formas são as únicas em que o contrato poderá ser extinto, sendo vedada a dispensa arbitrária do empregado aprendiz, assim, origina-se a garantia de emprego.

O contrato de trabalho poderá ser considerado nulo se configurado as hipóteses do art. 166 do Código Civil ou quando o objetivo desvirtuar, impedir ou fraudar as normas de proteção ao trabalho, previsto no art. 9º da CLT.

Assim, será considerado nulo o contrato celebrado por pessoa absolutamente incapaz; quando o seu objeto for ilícito, impossível ou indeterminável, ou quando o motivo comum entre as partes for considerado ilícito; não se revestir de forma prescrita em lei; quando uma das solenidades exigidas por lei for preterida; quando tiver o objetivo de fraudar a lei; e quando taxativamente esta o declarar nulo ou proibir-lhe a prática, sem cominar sanção (REALE, 2002, p.34).

A nulidade contratual ocorrerá quando configurar violação aos preceitos legais no ato de sua formação, pois as normas trabalhistas são imperativas e de ordem pública. A anulabilidade se dará no vício da vontade das partes na realização do negócio.

O Código Civil classifica a nulidade em total quando invalida todo negócio jurídico ou parcial quando invalida parte do negócio jurídico. A sentença que declara a sua nulidade poderá atribuir efeitos *ex tunc*, mas no caso do contrato de trabalho serão analisados os princípios da proteção integral e da primazia porque o adolescente que dispendeu sua força de trabalho nas atividades laborais não merece ter esquecidos seus direitos dela decorrente mesmo porque, se o empregador não preencher todos os requisitos para contrato especial de aprendiz, este será compreendido como contrato comum de emprego.

Até quando o empregador utiliza a mão de obra comum de trabalho do adolescente mascarado pelo contrato de estágio, analisando o caso concreto, os direitos e garantias serão reconhecidos a ele se verificada a relação de emprego.

Essa legislação abre caminho para, ao mesmo tempo em que coloca o adolescente no mercado de trabalho, lhes garante o direito a continuidade dos estudos e da qualificação profissional, a não exploração de sua mão de obra através de uma carga horária exaustiva e um ambiente laboral que lhe propicie condições dignas de trabalho e sem exposição a sua saúde e vida.



Metodologia

A pesquisa foi qualitativa, descritiva e exploratória. Utilizou o método fenomenológico preconizado por Giorgi & Sousa (2010). Foram selecionados doze (12) jovens aprendizes em primeiro emprego dos setores administrativos, departamento pessoal e RH e departamento de montagem e entrega de uma empresa privada, de grande porte instalada na cidade de Manaus/AM do segmento de comércio varejista. Sendo sete do gênero masculino e cinco do gênero feminino.

Esses jovens estão na faixa etária de 15 a 17 anos, todos cursando ensino médio em escolas públicas. Dos doze entrevistados, nove estudam no turno noturno, o que equivale a 75% dos entrevistados; dois estudam no turno vespertino e um estuda no turno matutino. Os jovens que estudam a noite têm sua jornada de trabalho a cumprir no turno da manhã e outros à tarde; os jovens que estudam a tarde trabalham na empresa pela parte da manhã e o jovem que estuda pela manhã cumpre sua jornada de trabalho no horário da tarde.

Destaca-se que a jornada de trabalho de todos os jovens aprendizes contratados pela empresa é de 4 horas por dia, 20 horas semanal.

Os jovens aprendizes por um período desenvolvem suas funções na organização contratante e, em mesmo horário, em igual período da jornada são voltados para os módulos do curso de qualificação. Ou seja, para os jovens que trabalham pela parte da manhã durante uma semana ou quinzenalmente, na outra semana ou quinzena, destinam-se para a organização de formação técnico-profissional.

Procedimento: Após aceitarem participar da entrevista, os doze jovens, individualmente, responderam cinco perguntas referentes ao “Ser Aprendiz”, que foram gravadas para posteriormente serem transcritas e comporem a análise deste trabalho.

Tais perguntas foram: 1) Gostaria que você descrevesse para mim como você se sente ao trabalhar no seu primeiro emprego nesta empresa; A partir desta questão norteadora, segue os questionamentos para compreensão dos desdobramentos surgem; 2) Gostaria que me dissesse como você avalia seu exercício profissional; 3) Gostaria que você me dissesse que situações o levaram a procurar seu primeiro emprego; 4) O que pensa, o que sente diante desse novo momento em sua vida e; 5) O que você espera para futuro.



Análise das Entrevistas: A proposta de entrevista inicialmente partiu das questões norteadoras apresentadas acima, áudio gravadas. A seguir, os pressupostos do método, dividido em quatro passos 1º passo: **Estabelecer o sentido do todo:** após a transcrição, apreender o sentido geral do transcrito. Leitura de modo mais geral, buscando compreensão geral do que foi descrito, no sentido de obter um sentido da experiência na sua globalidade; 2º passo: **Determinação das Partes: Divisão das Unidades de Significado:** objetiva-se, nesse momento, dividir o protocolo de pesquisa – transcrição - em partes menores. Essa divisão é denominada de Unidades de Significado, no intuito de conseguir uma análise mais aprofundada; 3º passo: **Transformação da Unidades de Significado em Expressões de Caráter Psicológico:** Aplica-se a redução fenomenológica-psicológica e a análise eidética, a linguagem de senso comum foi transformada em expressões que têm como intuito clarificar e explicitar o significado psicológico das descrições dadas pelos participantes. O objetivo foi selecionar e articular o sentido psicológico da vivência dos participantes em relação ao objeto da investigação. Mantendo a linguagem descritiva, expressamos e trouxemos à luz significados psicológicos, implícitos nas descrições originais dos participantes. É também nesse momento que a inter-relação entre as partes e o todo sobressai como instrumento metodológico; 4º passo: **Determinação da Estrutura Geral de Significados Psicológicos:** fazendo uso da variação livre imaginativa, as unidades de significado foram transformadas em uma estrutura descritiva geral. A descrição dos sentidos mais invariantes, denominados constituintes essenciais da experiência, contidos nas unidades de significado, assim como das relações que existem entre estes últimos, resulta na elaboração de uma estrutura geral. O importante é que a estrutura resultante expresse a rede essencial das relações entre as partes, de modo a que o significado psicológico total possa sobressair-se. O passo final do método envolve uma síntese das unidades de significado psicológico, ou seja, a elaboração das Categorias Temáticas.

Compreendendo as vivências

A Significação do primeiro Emprego

A experiência dos (as) jovens entrevistados (as) no seu primeiro emprego mostrou-se bastante positiva. Aos descreverem o que significa esse primeiro emprego



para eles e elas, falam de sentimentos de realização, insegurança, ansiedade, empolgação, medo, nervosismo:

Me sinto realizada trabalhando desde os 14 anos (A);

Me sinto contente, mas também um pouco insegura em não saber como fazer ou agir em algumas situações aqui (C)

Posso dizer que o primeiro emprego é de muita ansiedade, o que vamos fazer dentro de uma indústria, mas com o passar do tempo se pega um pouco de experiência pra ser independente no futuro (K)

Eu me sinto realizado, útil, uma nova experiência. Nossa! Uma sensação de realização. Fico até sem palavras porque esse emprego é muito importante (J)

Eu acho legal e empolgante ir trabalhar (M)

Me sinto realizado por ter atingido esse objetivo na minha vida, de conseguir meu primeiro emprego (L)

Logo de cara eu fiquei assustada quando eu me vi mesmo sendo contratada pra trabalhar em uma empresa grande [...] (B)

[...] No dia que fui pra empresa eu fiquei nervosa, mas logo fiz meus amigos e depois passou, me senti bem (E)

Considerando o pressuposto fenomenológico-existencial, o sentido da vida é um dos que mais provocam celeumas quanto ao seu questionamento. Castro (2017; 2019); Freitas & Castro (2019); Pereira & Castro (2019); Costa, Pereira & Castro (2019) revelam que a vida enquanto única e isolada não tem sentido. Afinal, o homem existe a partir de suas realizações, não existindo pela sua própria vida isolado do contexto de suas realizações e as falas mostram que o primeiro emprego é vivenciado sob o prisma do sentido, o sentido da possibilidade de realização, a possibilidade de futuro por adquirir experiência necessária, possibilidade de um caminhar mais seguro na vida, apesar do paradoxo da insegurança.

Além desses sentimentos percebem-se **capacidades de desenvolvimento de habilidades**; veem como oportunidades para crescimento profissional dentro da empresa, oportunidade de aprendizagem:



[...] eu sei que tenho a capacidade para exercer qualquer função aqui (N)

[...] essa foi uma oportunidade que pretendo agarrar com unhas e dentes para ficar na empresa porque foi muito falado em crescimento (Y)

Me sinto feliz por terem me dado chance de aprender e poder por em prática esse conhecimento (W)

Note-se que o sentido atribuído ao primeiro emprego e à oportunidade que estão vivenciando na imersão do mundo do trabalho é bastante significativo em suas falas. Mais uma vez recorremos a Castro (2017; 2019); Freitas & Castro (2019); Pereira & Castro (2019)) quando nos revelam que o sentido atribuído à uma vivência é a propulsão capaz de levar o homem a horizontes sequer atingíveis pela razão e, nestes casos, é o pretender agarrar essa chance que estão lhe favorecendo com o intuito de atingir outras metas, outros objetivos.

O “Eu” Profissional

Através das falas dos entrevistados observamos que há os que se sentem mais confiantes em relação ao desempenho de suas funções, outros que se colocam em aprendizagem, adaptando-se. Há quem relate a dificuldade entre teoria e prática:

Para começo de trabalho considero bom, mas desejo melhor cada dia mais (S);

Eu me avalio muito bem porque consigo aprender as coisas rápido e me facilita o trabalho (E)

fui me estabilizando, fui me adaptando, hoje posso dizer que é excelente [...] (M)

té agora eu fui aprendendo meio na marra porque no Senac tem varias dinâmicas e aqui na empresa, o dia a dia mostra mais como lidar com as pessoas em si, ajuda na prática sou mais exigido (B)

A inexperiência dá lugar à experiência. Estas falas remetem à capacidade do ser-no-mundo-sendo-aprendiz em enfrentar as mais variadas situações – até então desconhecidas – em algo de que hoje se orgulham, olham para trás e percebem a



diferença que há entre o antes e o hoje, entre o passado (o momento em que iniciam) e o presente (a vivência atual onde se sentem mais seguros). A este fato, Forghieri (2011); Castro (2017); Rodrigues & Castro (2019) denominam temporalidade.

Ora, temporalizar consiste em experienciar o tempo. Contudo, esta autora estabelece uma relação interdependente entre existência humana e temporalidade. Ao fazer uma explicação sobre o termo existir e de sua derivação, concebe que este termo quer dizer “sair para fora” ou “transcender”. Portanto, afirma Forghieri (2011, p. 42) “existir e transcender possuem o mesmo significado que é o de lançar-se para fora, ultrapassar a situação imediata, que também quer dizer temporalizar”.

Outro dado observado nas entrevistas é relativo à necessidade de **assumirem novos papéis e responsabilidades** adicionais que ocuparam grande espaço na vida desses jovens:

[...] Agora me sinto um pouquinho assim atarefada (B)

Meu estudo aumentou, tempo livre é pra conciliar o trabalho com os estudos. Isso me fez amadurecer um pouco mais (C)

[...] eu fiz um curso do Sebrae e depois outro de informática e daí veio a vontade de aumentar meu conhecimento, de ter outro tipo de responsabilidade (A)

E são estas **mudanças significativas** que proporcionam as experiências de desenvolvimentos, como a mudança de postura e comportamento, a satisfação pelo novo e também um amadurecimento de maior ou menor grau junto a essas novas responsabilidades. E a vivências dos aspectos citados anteriormente, significa dizer que o sentido atribuído designa vivenciar o mundo próprio (CASTRO, 2017; HEIDEGGER, 2013; FORGHIERI, 2011) de uma forma completamente diferente, uma vez que estes aprendizes se percebem no mundo, não simplesmente lançados-no-mundo, mas em contínua abertura para aprendizagem, crescimento e amadurecimento.

A juventude é caracterizada pela aquisição de conhecimentos necessários para o ingresso no mundo do trabalho e de conhecimentos e valores para que ele constitua sua própria família, ou seja, o fato de inserir-se no mercado de trabalho contribui para o



estabelecimento de relações sociais, dos processos de identificação e do reconhecimento de pertencimento a uma sociedade. Isso pode ser observado nas falas dos participantes:

Foi ótimo por eu ter chegado sem saber nada e agora já faço muitas coisas diferenciadas, aprendi coisas novas e isso melhorou meu desempenho na escola, nos trabalhos em grupo e como pessoa mesmo, agora tenho uma cabeça mais aberta (Y)

[...] No curso aprendo várias coisas que não sabia. No Senac tem pessoas mais novas e na empresa pessoas de mais idade, é diferente, mas é bacana (S)

Pode-se observar assim a **importância das relações sociais**, a troca de experiências entre os mais jovens e os mais velhos como ponte para a autoconfiança. Implicitamente, podemos observar a timidez dando espaço para o desembaraço. O termo ‘coletividade’ mostra-se como algo imprescindível para o crescimento profissional e pessoal.

Assim, fica expresso o ser-com-o-outro, uma das existenciálias que Heidegger (2013) caracteriza como sendo um dos pressupostos do existir humano. Afinal, conforme nos colocam Castro (2017; 2019); Freitas & Castro (2019); Costa, Pereira & Castro (2019) e Forghieri (2011) é nesse mundo humano que realizamos nossos encontros, nossos desencontros e nossos reencontros. É a convivência com o outro, com o meu semelhante. Assim, a possibilidade do primeiro emprego, a vivência dessa nova experiência, culmina em mudanças, em transformações pessoais e relacionais na vida desse jovem.

Os Motivos da Busca Pela Prática e Teoria

As razões para o ingresso no mercado de trabalho foram diversos, mas com predominância para a oportunidade, em primeiro lugar, pela independência financeira com relação aos pais; adquirir novos conhecimentos e experiências; compreender na prática como age o mercado de trabalho. O sentimento de superar os desafios que lhes são impostos a partir do mundo ainda em descoberta para cada um deles.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

Me interessei através de uma conversa [...] aí resolvi pesquisar na internet um pouco no site do Senac e vi quem era conveniado. Aí fui me informar um pouco mais e resolvi deixar meu currículo e fiz um teste, uma entrevista e passei (J)

Fui encaminhado, mas eu queria entender como que funciona uma empresa (K)

A situação que leva a trabalhar é somente de independência própria (N)

Eu precisava ajudar a minha mãe porque sou eu e ela em casa (A)

Pra eu ter meu próprio dinheiro e as vezes poder ajudar minha mãe quando ela precisa (M)

Ganhar dinheiro, mais experiência profissional e independência (C)

É na contextualização das interligações do sentido que os objetos da consciência são esclarecidos pela significação dos acontecimentos que constituem a experiência. Na experiência consciente do mundo vivido a vida cotidiana se desenrola, mostrando o que cada jovem tem como suas metas e objetivos. Objetivos esses que mais pesam pela independência financeira, pela significação de trabalho como um “ganha-pão” em menores proporções, uma vez que não são totalmente dependentes desse primeiro emprego como meio de subsistência final.

A relação econômica familiar se torna a válvula de escape para o pontapé inicial pela busca dessa independência.

Considerando o referencial teórico da Ontologia Hermenêutica heideggeriana, observa-se nestas falas o que o filósofo ressalta como sendo autenticidade (HEIDEGGER, 2013; HEIDEGGER, 2002). Este termo está relacionado ao fato de enquanto ser-no-mundo e mesmo diante de revezes e dificuldades – designados como facticidades – pode-se ir além do que está prescrito, busca-se mais, se quer mais, lançamo-nos em busca de atingir um objetivo cada vez maior e mais amplo (CASTRO, 2017; 2019; PEREIRA, SILVA & CASTRO, 2017; FORGHIERI, 2011). Assim, estas falas trazem a caracterização dessa terminologia, haja vista que estes adolescentes, a partir desta oportunidade do primeiro emprego, já se permitem sonhar mais distante e, este movimento é diretamente proporcional a seu engajamento, ao arregaçar as mangas das vestiduras para aprender cada vez mais o ofício que estão realizando.



Olhar Para Fora de Si

Chama-nos atenção as respostas quando das suas auto avaliações, como eles se veem, se colocam. **Olhar para dentro de si, de forma mais aprofundada é algo que mostra a fragilidade da condição humana e a dificuldade que se tem em fazê-lo.** Nas verbalizações relatadas, isso se mostra.

Acho ótimo por eu ter chegado sem saber nada e agora já faço muitas coisas diferenciadas (M)

Até agora fui aprendendo meio que na marra (A)

Fui me adaptando, me estabilizando (E)

Me avalio nem tanto profissional mais na medida de conseguir meus objetivos e de me adaptar ao trabalho, consigo aos poucos o que quero (B)

Pra começo de trabalho considero bom, mas desejo melhorar cada dia mais (J)

Não é fácil conseguir e logo no início, eu até pensei em desistir (K).

Contudo, esses jovens buscam “compreenderem-se” quanto ao seu exercício profissional, de certa forma insegura com relação ao desempenho. Demonstram suas inseguranças, seus medos, mas suas potencialidades, suas convicções no seu objeto de desejo (não só continuar no cargo que ocupam nesse momento, ir além, galgar novos postos na mesma ou em outra empresa). Precisam estar abertos para melhor apreensão do que lhes é oferecido nesse momento.

Percebe-se também que os participantes em geral, **compreendem-se como indivíduos em construção.** Tentam abstrair a máxima de que para podermos saber quem se é, basta olhar para fora de si.

No seu ambiente laboral, em conjunto com seu ambiente familiar, escolar, de formação técnico-profissional, são mundos distintos mais que se correlacionam e lhes proporcionam novos conhecimentos, experiências, lhes permitindo uma visão mais expansiva sobre si e sobre tudo o que os cercam. Para a Fenomenologia a percepção do



mundo vivido torna-se o objeto da consciência e o ato da experiência, onde cada expressão que os jovens utilizam para caracterizá-la nada mais é do que a contextualização dessa percepção (FREITAS & CASTRO, 2019; SOARES & CASTRO, 2020; CASTRO, 2020).

Ainda que existam aprendizados de vida, agregado a uma visão de si, para CASTRO (2019; 2020) o mais profundo entendimento de si e do mundo como ele se mostra, se faz necessária a suspensão das atitudes, crenças, teorias, e colocar em suspenso o conhecimento das coisas do mundo exterior a fim de concentrar-se a pessoa exclusivamente na experiência em foco, porque esta é a realidade para o jovem, o que as novas experiências trazem como uma nova possibilidade.

Por outro lado, ainda não têm clareza da complexidade das relações de trabalho, mas compreendem a organização contratante como oportunidades de crescimento, de evolução e de sociabilidade.

Vivendo o Hoje e o Incerto Amanhã

Viver o hoje e pensar o amanhã é um grande desafio para os jovens. A insegurança quanto ao curso que escolherá para sua vida profissional é algo que inquieta os jovens entrevistados.

Penso em fazer uma faculdade como eu disse antes, mesmo sem ter certeza ainda de qual curso (B)

Eu espero crescer mais numa empresa e aprender a ter vários conhecimentos sobre outras funções, aí eu posso escolher melhor minha profissão futura (S)

Eu estou esperando finalizar o curso pra pensar mais adiante do que eu quero fazer depois (M).

Estas falas revelam a corporeidade de uma consciência situada enquanto constituição de uma mensagem, a projeção do futuro incerto, mas atingível à medida que a relação entre o modo de conhecer e o modo de reconhecer e valorar, entre pares ou consigo e seus pensamentos, se manifesta no dia a dia (FIGUEIREDO & CASTRO, 2020; FREITAS & CASTRO, 2019; FERREIRA & CASTRO, 2017; MERLEAU-PONTY, 2011).



Mas algo é claro para todos eles, a formação técnico-profissional é fundamental não somente para um bom emprego, como para a remuneração que lhes permita ter uma qualidade de vida que nem todos podem usufruir nesse momento. Ser-no-mundo é ser-de-cuidado (Heidegger, 2002). Um cuidado que se expressa em relação a mim mesmo enquanto Ser, enquanto um ser-de-possibilidades. É o zelo, o desvelo, relacionado a mim mesmo, ao meu crescimento como pessoa, como profissional, como um ser-de-relação.

Considerações Finais

O sentimento geral dos entrevistados com relação ao primeiro emprego vai além da satisfação puramente pessoal, uma mistura de sentimentos desde liberdade, autonomia à realização de um sonho, uma conquista. Há também os que perpassam pela ansiedade e insegurança do novo, do desconhecido. Mas isso, não é colocado como um fator negativo e sim como um fator “incentivador” para a superação de obstáculos e desafios desses jovens no seu ambiente diário de trabalho.

Os jovens aprendizes, além da jornada de trabalho têm assegurado um período voltado para sua qualificação, outro momento de oportunidade de apreensão da realidade, de novos conhecimentos, trocas de experiências. Encontram-se frente a possibilidades de se firmarem e/ou auto afirmarem como sujeitos em construção, sem, no entanto, ignorarem suas vivências adquiridas.

Pode-se observar que a palavra mais expressiva da atual conjuntura singular dos entrevistados à primeira pergunta é “realização”. Realização pessoal, deles com eles próprios, mas também a realização deles para com o seu mundo, o mundo com a família, escola, pares e colegas de trabalho.

O sentir-se “útil”, “ser alguém”. Alguém que deixa de ser visto como meramente uma figura secundária na roda viva da vida e do que é importante para essa sociedade pautada pelo consumismo. Deixa de ser apenas um filho, um amigo, um colega de escola, agora ele/ela se sente seguro, se sente “gente”, com responsabilidade, com mais experiência diante dos seus pares ou iguais a eles quando já há os que trabalham; gente que pode contribuir dentro de casa; que pode pagar um lanche para os colegas, que pode adquirir um “bem”.



Para alguns desses jovens, mais do que exercer uma atividade ocupacional ou ganhar uma profissão, o valor da experiência presente na condição de aprendizes consiste em extrair dessa aprendizagem seu caráter formativo. Isto é, sua capacidade de gerar outros meios de viver a grupalidade, possibilitando a construção, mesmo que provisória, do sentimento de pertencimento a diferentes formas de convivência e sociabilidade.

Entendemos que as vivências e visões dos jovens aprendizes são instrumentos que podem ser considerados pelas instituições de educação, formação técnico-profissional, organizações contratantes e mesmo de organismos de acompanhamentos e fiscalizações com o intuito de melhorar e/ou adequar suas ações visando o bem-estar dos jovens que são inseridos no mercado de trabalho, lhes permitindo aprendizagem, experiência profissional, sem no entanto, prejuízo psicológico para os mesmos, uma vez que não se pode desconsiderar que são pessoas ainda em desenvolvimento.

Referências

ALVES, D.C.B. & ALBANESE, L. A produção de subjetividade em programas de aprendizagem profissional. *Psicol. argum;* 34(87): 318-332, out.-dez. 2016.

BARROS, C. T. *et al.* “Mas se o homem cuidar da saúde fica meio que paradoxal ao trabalho”: relação entre masculinidades e cuidado à saúde para homens jovens em formação profissional. *Saude soc.*, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 423-434, June 2018. <https://doi.org/10.1590/s0104-12902018166057>.

CASTRO, E. H. B. *A experiência do diagnóstico: o significado no discurso de mães de crianças com câncer à luz da filosofia de Martin Heidegger* – (Tese de Doutorado) Ribeirão Preto : Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP, 2009.

CASTRO, E.H.B. de A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) *Fenomenologia e Psicologia: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa* – Curitiba : Appris, 2017, p. 17-26.

CASTRO, E.H.B. Psicologia e Homem amazônida: além do mítico e do místico. In: CASTRO, E.H.B. de. *Práticas de Pesquisa em Psicologia Fenomenológica*. – 1ª ed. – Curitiba : Appris, 2019, p. 287-294.

CASTRO, E.H.B. de A clínica psicológica e a pesquisa em seus encontros, des-encontros e re-encontros: des-velando olhares. In: CASTRO, E.H.B. de. *Pluridimensionalidade em psicologia fenomenológica: o contexto amazônico em pesquisa e clínica*. 1ª ed – Curitiba : Appris, 2020, p. 157-176.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

COSTA, A.C.S.L. de Pertencimento, não-pertencimento, configurações e reconfigurações pessoais, familiares e sociais: o olhar do filho alvo da disputa de guarda pelos pais. In: CASTRO, E.H.B. de. *Práticas de Pesquisa em Psicologia Fenomenológica*. – 1ª ed. – Curitiba : Appris, 2019, p. 161-192

FERREIRA, C.F. & CASTRO, E.H.B. A fenomenologia de Merleau-Ponty. CASTRO, E.H.B. (Org.) *Fenomenologia e Psicologia: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa* – Curitiba : Appris, 2017, p. 27-32.

FIGUEIREDO, J.F. & CASTRO, E.H.B. de A menor distância entre duas pessoas, ser-clown: a perspectiva merleau-pontyana de corporeidade. In: CASTRO, E.H.B. de. *Pluridimensionalidade em psicologia fenomenológica: o contexto mazônico em pesquisa e clínica*. 1ª ed – Curitiba : Appris, 2020, p. 131-156

FORGHIERI, Y. C. *Psicologia Fenomenológica: fundamentos, métodos e pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2011.

FREITAS, R.L.P.L. de & CASTRO, E.H.B. de. Meu corpo (in) finito e (in) completo: vivências da corporeidade na Síndrome de Turner. In: CASTRO, E.H.B. de. *Práticas de Pesquisa em Psicologia Fenomenológica*. – 1ª ed. – Curitiba : Appris, 2019, p.65-94

FREITAS, M. de F. Q. de & OLIVEIRA, L. M. P. de. Juventude e Educação Profissionalizante: Dimensões Psicossociais do Programa Jovem Aprendiz. *Psicol. pesq.*, Juiz de Fora, v. 6, n. 2, p. 111-120, dez. 2012.
<http://dx.doi.org/10.5327/Z1982-12472012000200004>.

GIORGI, A. & SOUSA, D. *Método Fenomenológico de investigação em psicologia*. Lisboa: Fim de Século, 2010.

HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013

MORA, D.C. & ARCURY, T.A. Good job, bad job: Occupational perceptions among Latino poultry workers *American Journal of Industrial Medicine* V. 59, Issue 10, October, 2016, pp. 877-886 <https://doi.org/10.1002/ajim.22599>

OLIVEIRA, A. L. de & GODOY, Monique Marques da Costa. O processo de resiliência do jovem aprendiz e as estratégias de conciliação estudo-trabalho. *Bol. psicol*, São Paulo, v. 65, n. 143, p. 175-191, jul. 2015.

PEREIRA, D.G. & CASTRO, E.H.B.de. Vivências do paradoxo prazer e sofrimento na escola: ser-docente. In: CASTRO, E.H.B. de. *Práticas de Pesquisa em Psicologia Fenomenológica*. – 1ª ed. – Curitiba : Appris, 2019, p. 131-144

PEREIRA, D.G.; SILVA, M.R.O. da & CASTRO, E.H.B. Meu filho tem câncer: vivências de mães a partir da Ontologia Hermenêutica de Heidegger In: CASTRO,



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

E.H.B. (Org.) *Fenomenologia e Psicologia: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa*. Curitiba : Appris, 2017, p. 49-62

RODRIGUES, E.J.de A. & CASTRO, E.H.B. de. O homem amazônida e a religiosidade: compreensão fenomenológica da construção da subjetividade com membros de religiões de matriz africana. In: CASTRO, E.H.B. de. *Práticas de Pesquisa em Psicologia Fenomenológica*. – 1ª ed. – Curitiba : Appris, 2019, p. 255-286

VARGAS-PRADA *et al* Psychological and culturally-influenced risk factors for the incidence and persistence of low back pain and associated disability in Spanish workers: findings from the CUPID study *Occupational and Environmental Medicine* 2013;**70**:57-62. <http://dx.doi.org/10.1136/oemed-2011-100637>

VILLAR, M. da C. O. & MOURAO, L. Avaliação do Programa Jovem Aprendiz a partir de um Estudo Quase-Experimental. *Trends Psychol.*, Ribeirão Preto , v. 26, n. 4, p. 1999-2014, Oct. 2018 . <https://doi.org/10.9788/tp2018.4-11pt>.

Recebido: 13/7/2020. Aceito: 20/7/2020.

Autores:

Denis Guimarães Pereira - Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGPSI) da Universidade Federal do Amazonas. Graduado em Psicologia pela Faculdade Martha Falcão. Docente do Curso de Psicologia da Universidade Paulista/Manaus/Am. e-mail: denis.guimaraes33@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1297-4753>

Juliana de Oliveira Spíndola - Psicóloga graduada pela Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas. Psicóloga Clínica. E-mail: julianaspindolla@gmail.com.